

O tempo apagou a escola

JULIANA CÉZAR NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Jorge Cardoso



ALUNOS DO SETOR LESTE CAMINHAM NA ENTRADA DA ESCOLA NA ASA SUL QUE ENFRENTA PROBLEMAS COM PICHADORES: VERBA ANUAL DE R\$ 13 MIL PARA ADMINISTRAR ESCOLA DE 2,3 MIL ESTUDANTES

Aos 16 anos, Elizabeth Rangel assistiu à sua primeira aula em uma escola pública de ensino médio. A sala ficava no bloco do colégio mais perto da saída. Para chegar até lá, era preciso atravessar um corredor com pilastras cinzas. Nas paredes da escola, nada de pichações. Em volta dela, nada de grades. A camisa do uniforme tinha um pano de cor creme, capaz de resistir até o final do ano letivo.

No final da década de 70, o assunto preferido da garotada eram as festas nos clubes Minas Tênis, Ascade e Previdenciários. A turma só perdia os eventos na semana de provas. No 3º ano, os formandos recebiam material e apostila extra. Mais da metade deles tinha vaga garantida nos cursos mais concorridos da Universidade de Brasília.

Passados 24 anos, o colégio onde Elizabeth estudou continua com o mesmo nome: Setor Leste. Mas é só. As grades de ferro e arame estão por todos os lados. As pilastras do corredor que dá acesso aos prédios foram pintadas de verde. As pichações começam no portão principal e se espalham por todos os cantos. A camisa do uniforme pode ser preta ou cinza. Ainda assim, dura apenas meio ano. A falta de professor não chega a surpreender os alunos. Muito menos a de material didático. O laboratório de informática está só no papel. As provas têm pouco valor. Cerca de 70% da nota é definida por trabalhos feitos em casa.

Um assunto freqüente entre os alunos de hoje é a briga de gangues. Os formandos não recebem material nem aula específica para o vestibular. Apenas 10% deles são aprovados no exame da UnB. “Os meninos parecem tão desanimados que chamam os blocos de sala de pavilhão. Tem até o Carandiru. Ele pensam que estão em um presídio”, observa Elizabeth, mãe de Yanny, de 15 anos, aluna do 1º ano do Setor Leste.

Baixo rendimento

A decepção da moradora do Guará e funcionária da Tribunal de Justiça é compartilhada por boa parte dos ex-alunos das escolas de ensino médio do DF. Professores, estudantes e diretores também admitem que as instituições deixaram de ser modelo para o país. Criadas com propostas pedagógicas inovadoras e investimento inicial significativo, elas enfrentam o desafio de educar até 5 mil alunos com apenas R\$ 10 mil em caixa. Os jovens continuam rebeldes. Mas agora a briga é por território e drogas.

Apesar de serem numerosos — cerca de 100 mil alunos espalhados por 80 escolas — os estudantes saídos de escolas públicas ocupam apenas 30% das vagas da UnB. Os 24 mil alunos da rede privada são donos de 70% das cadeiras. Enquanto eram considerados escolas-modelo, os centros de ensino médio do DF formaram profissionais renomados. Entre eles, o presidente do Tribunal de Contas da União, Valmir Campelo, e o primeiro ministro negro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Benedito.

E é para garantir que as novas gerações tomem o mesmo rumo que os próprios alunos começaram a rebelar-se. Na semana passada, estudantes do Centro Educacional Ginásio do Setor Noroeste (Gisno), na 907 Norte, apoiaram os professores que resolveram trabalhar em horário reduzido como forma de protesto contra a falta de organização na escola. Os alunos estão cansados de contabilizar todos os anos, no máximo, cinco alunos aprovados na UnB e nenhum no PAS.

Setor Leste mudou, os alunos também

Em 25 anos de trabalho, Maria da Graças Moura assistiu, sem entender muito bem, uma mudança no olhar dos estudantes do Centro de Ensino Setor Leste, na L2 Sul. Para a agente de portaria de 50 anos, eles continuam bonitos, inteligentes e muito queridos. Mas com um jeito de revolta esquisito. Tratam os professores com indiferença, não fazem questão de assistir todas as aulas e não acreditam que sairão de lá para uma universidade pública. “Mesmo assim, amo todos eles. A maioria acaba percebendo o carinho e fica mais calma”, conta Maria, pouco depois de fechar o portão que dá acesso às 24 salas de aula.

Há uma semana, todos os 2,3 mil alunos precisam apresentar na entrada dos blocos uma caderneta escolar com foto. A novidade faz parte das medidas de segurança tomadas após uma

série de denúncias de violência dentro e nas imediações do colégio. Em agosto, um rapaz de 17 anos foi baleado na parada de ônibus em frente ao Setor Leste. O tiro partiu de um ônibus escolar que levava alunos de escolas públicas do Plano Piloto para o Riacho Fundo.

Uma das professoras mais antigas da escola, Myriam Dorela Ferreira, procura incentivar os alunos tirando dinheiro do próprio bolso para comprar material esportivo — só este ano foram três bolas. Professora de Educação Física, Myriam tem saudades do tempo em que o clube montado dentro do colégio funcionava em parceria com a escola. A atividade iniciada no horário de aula muitas vezes se transforma em paixão. Daí para as medalhas era um passo. “Hoje, as nossas atividades ficam restritas a duas quadras bem mal

conservadas. Tenho medo até dos meninos tropeçarem nos buracos”, conta a professora.

As atividades escolares do Setor Leste ainda estão vivas na memória de ex-alunos. A servidora Elizabeth Rangel tem até hoje o material didático distribuído aos alunos. Na contracapa da apostila do 3º ano estão os nomes dos colegas. Embaixo de cada um deles, o destino profissional: defensores públicos, professores universitários e médicos. “Torci pra a minha filha estudar aqui porque queria vê-la passando pelas mesmas experiências que eu vivi e cheia de perspectivas”, explica Elizabeth.

A realidade hoje é diferente. Na falta de vídeo na escola, a Rede Globo é a salvação para os alunos que precisam assistir o filme *Auto da Compadecida*, baseada em texto do escritor Ariano Suassuna, exigido no PAS.

O QUE FALTA

Setor Leste

- ✓ Máquina de Xerox
- ✓ Televisores e vídeos
- ✓ Laboratório de Informática
- ✓ Material esportivo (as bolas são compradas pelos professores)
- ✓ Reforma nas duas quadras de esporte
- ✓ Instalação elétrica e tubulações em bom estado
- ✓ Vigias (a escola tem quatro. Mas precisaria de, no mínimo, outros dois)

Elefante Branco

- ✓ Livros (a sala de leitura conta com 5 mil livros. A maior parte deles doados ou

comprados com rateio entre os 3 mil alunos)

- ✓ Laboratório de informática com número de computadores insuficiente (existem apenas 10. Os jovens que desejarem aprender a mexer nas máquinas pagam cerca de R\$ 30 para a escola de informática privada que funciona dentro da escola)

- ✓ Iluminação (no estacionamento, apenas um poste permanece aceso)

Centro Educacional Ave Branca

- ✓ Professores

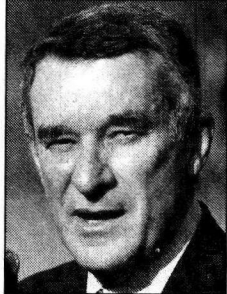
- ✓ Dinheiro para transporte de atletas para competições

DEPOIMENTOS //

“A experiência no Elefante Branco foi fundamental para minha convicção de que o ensino público pode ser de qualidade. Naquela época, nem se falava em cursinho. Os professores eram excelentes e muito dedicados. Havia bons laboratórios. Inclusive de eletrônica.”

VALMIR CAMPELO
presidente do Tribunal de Contas da União, estudou no Elefante Branco até 1965

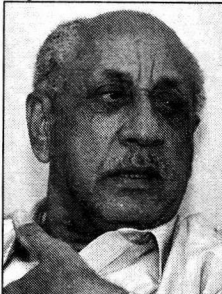
Sérgio Amaral



“Sinto saudades do prédio ainda simples, das amizades dos colegas e do comprometimento do corpo docente. Muita gente que teve sucesso na vida profissional saiu do Ceav. Aquele colégio tem tradição. Naquela época, nunca faltavam professores que, aliás, eram excelentes”

BENEDITO DOMINGOS
ex-vice-governador, estudou no Centro Educacional Ave Branca de Taguatinga (Ceav) até 1971.

Sérgio Amaral



“Tenho boas lembranças daquele tempo. Foi a melhor época da minha vida. Vim de Paracatu só para estudar lá. Lá a pé para a escola. Os professores eram ótimos. Passei no vestibular para Direito logo que me formei. Guardo o boletim com as minhas notas. Até hoje, fico emocionado quando passo em frente ao colégio.”

JOAQUIM BENEDITO
ministro do Supremo Tribunal Federal, primeiro negro a ocupar o quadro, estudou no Elefante Branco até 1973

José Varella



“Gostava muito dos professores. Não me lembro de eles faltarem ou de greve. A atividade que eu mais curti era educação física. No meu último ano, quase reprovei em inglês por causa das viagens pelo atletismo. Nunca esqueci o aviso do professor: “Um dia você irá aprender inglês. As suas viagens estão lhe ensinando mais do que todos nós jamais conseguiríamos ensinar.”

JOAQUIM CRUZ
campeão olímpico em atletismo, estudou no Centro de Ensino de Taguatinga

Ronaldo de Oliveira

